

MEMÓRIA LOCAL NA ESCOLA

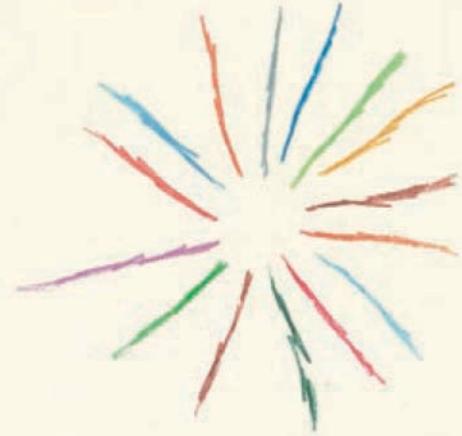


PORTFÓLIO • EDIÇÃO DO EDUCADOR

MEMÓRIA LOCAL NA ESCOLA



PORTFÓLIO • EDIÇÃO DO EDUCADOR



O Instituto Avisa Lá – Formação Continuada de Educadores

é uma organização não-governamental (ONG), sem fins lucrativos, com finalidade pública. Tem como objetivos contribuir para a qualificação e o desenvolvimento de competências dos educadores que atuam em instituições educacionais e atendem crianças de baixa renda; oferecer suporte técnico para ONGs, agências governamentais, escolas de Educação Infantil e Ensino Fundamental; atuar como centro de produção de conhecimento em Educação por meio de seu site na internet, com produção de vídeos de formação e publicações; e contribuir para a formulação e implementação de políticas públicas que resultem em Educação de maior qualidade.

O Museu da Pessoa

foi fundado em 1991 e atua no registro e na preservação de histórias de vida que colaboram para a construção de novos olhares sobre o Brasil. Do papel ao conteúdo digital, o Museu da Pessoa valoriza os canais de captação e de transmissão das histórias de vida. Os relatos são registrados em texto, áudio, fotografia e vídeos, por meio de entrevistas individuais com uma equipe de pesquisadores da instituição, e também pela internet. Toda e qualquer pessoa pode registrar gratuitamente sua narrativa. A missão do Museu da Pessoa é preservar esse acervo e torna-lo acessível para o maior número de pessoas em seu portal na internet e também por meio de livros, exposições e coleções. Em 18 anos de atuação, o Museu da Pessoa captou e disponibilizou em seu portal mais de 10 mil depoimentos, cerca de 70 mil fotos e documentos digitalizados, e já realizou mais de 150 projetos nas áreas de Educação, Cultura e Memória Institucional.

Notas sobre a autoria

Os textos utilizados como fontes para este portfólio podem ser encontrados nas publicações do Museu da Pessoa e do Instituto Avisa Lá e nos relatórios produzidos no âmbito do Projeto Memória Local na Escola, uma parceria entre as duas organizações.

A metodologia do Projeto Memória Local na Escola é uma construção coletiva consultores das duas instituições, intensamente comprometidos com o trabalho e que produziram reflexões, práticas e registros preciosos entre os anos de 2001 a 2009. Colaboraram também, de forma decisiva, as equipes das escolas participantes do projeto que, com sua ação e reflexão, instigaram novas propostas formativas.

Sistematização do material e organização dos textos

Cinthia Manzano

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. O projeto | 11 |
| 2. O trabalho com projetos didáticos e os princípios da formação | 17 |
| 3. Memória | 23 |
| 4. Leitura | 32 |
| 5. Escrita | 37 |
| 6. Desenho | 43 |
| 7. Produtos finais | 47 |
| 8. Avaliação | 51 |
| Bibliografia geral | 54 |



O PROJETO¹

¹ Os textos sobre estratégias formativas incluídos nesse capítulo foram extraídos do livro *Bem-vindo, mundo!: criança, cultura e formação de educadores*, de Sílvia Carvalho, Adriana Klisys e Silvana Augusto. São Paulo: Peirópolis, 2006.

O *Projeto Memória Local na Escola* tem como disparador uma oficina de um dia na qual diretores, coordenadores pedagógicos e professores das escolas interessadas têm seu primeiro contato com as principais questões que envolvem o trabalho e a reflexão sobre memória oral e histórias de vida.

A partir do diálogo estabelecido na oficina, cerca de 15 escolas de cada município ou região são selecionadas para participar do projeto, sendo que duas salas de aula de duas delas são escolhidas como referências. Nas salas de referência, os consultores do projeto desenvolvem as atividades junto às crianças. As ações são filmadas para que possam ser debatidas com o grupo expandido de professores e demais profissionais da Educação envolvidos, nos encontros de formação.

Reflexões

Quando as intervenções dos consultores são discutidas com os professores, acionamos duas estratégias formativas:

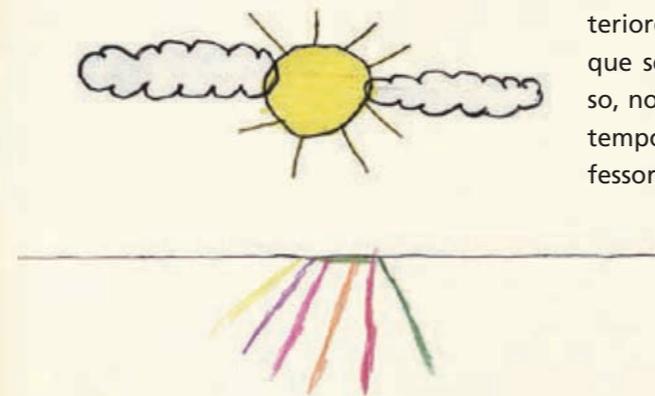
- A tematização da prática
Tematizar é refletir sobre uma prática e extrair desse ato um conhecimento novo, convertendo um pensamento em uma experiência e vice-versa. Tematizar significa tanto organizar uma prática em palavras como traduzi-la em conceitos. Ao analisar situações didáticas junto com os colegas e o consultor, o professor pode constatar algo que não foi possível observar no momento da ação. O distanciamento permite pensar quando e por que intervir, e de que modo deve se dar a intervenção, sempre com base numa fundamentação teórica. O papel do consultor é extrair das atividades questões que explicitem as concepções que sustentam o fazer dos professores, tendo fundamentos e argumentos suficientemente consistentes para debater as ideias que estão por trás daquela prática. O formador tem, então, o papel de pesquisador, questionador e orientador das discussões.

- A análise de bons modelos

Essa estratégia possibilita ampliar o repertório dos professores com propostas mais significativas e desafiadoras, que trazem em si conhecimentos, valores éticos e estéticos, validados pela experiência e pela pesquisa educativa. O modelo é apresentado aos professores não como exemplo a ser seguido, mas sim como objeto de análise e de estudo. Diante dele, discute-se a natureza dos encaminhamentos presentes na situação didática, estabelecem-se relações com a prática vigente na instituição e organizam-se essas discussões no plano da conceituação.

O uso dos modelos justifica-se também porque, num primeiro momento, as mudanças são apoiadas em esquemas imitativos das práticas que se oferecem. A imitação é mais do que uma mímica mecânica. É um processo dinâmico e criativo, pois, quando se imita a ação de alguém, é preciso entender, interpretar o que há nela de essencial para posteriormente interiorizá-la de forma própria. Os resultados dessas primeiras assimilações também são discutidos, o que permite a tomada de consciência e a apropriação mais autônoma dos princípios que regem as práticas.

O projeto é desenvolvido ao longo de um ano em nove encontros de formação presencial (um por mês), com a atuação direta dos consultores em duas classes. Nos encontros com os professores, trabalhamos com os eixos de memória oral e língua portuguesa, buscando subsidiar os educadores para o trabalho direto com os alunos. Além da leitura e discussão de textos teóricos e da tematização das práticas realizadas pelos consultores, também propomos que os professores vivenciem outras atividades junto com os alunos (a leitura em voz alta, uma entrevista de história de vida, a escrita coletiva, os desenhos, dentre outras). Os formadores também orientam os professores quanto ao uso das ferramentas de registro disponíveis no portal do Museu da Pessoa (www.museudapessoa.net), além de apresentarem instrumentos de produção de conteúdo, que será posteriormente publicado no portal.



Todo o processo de formação dos professores é registrado por escrito e toda a produção é compartilhada entre os envolvidos no projeto. Para que a troca realmente ocorra em todas as etapas do processo, é importante que todos os encontros contem com dois momentos. O primeiro é a elaboração da síntese dos encontros anteriores. Um ou mais professores ficam responsáveis pela síntese, que será lida no início do próximo encontro do grupo. Além disso, nos primeiros momentos do encontro, também é reservado um tempo para a socialização das atividades desenvolvidas pelos professores com seus alunos.

Reflexões

Quando os professores vivenciam as mesmas atividades que serão propostas às crianças, acionamos outra estratégia formativa:

- A análise de situações homólogas*

As situações homólogas não são propriamente modelos. São práticas sociais reais, escolhidas pelo formador para explicitar os processos dos sujeitos envolvidos em determinados atos, bem como para fazer emergir a natureza própria dos objetos de conhecimento em questão, visando apoiar o planejamento dos professores. Por exemplo, para compreender como e por que se propõe determinado tipo de leitura para as crianças, ou ainda para decidir que tipo de proposta pode ser mais interessante, é preciso, além de conhecer a criança, compreender a própria prática leitora. Então, uma situação homóloga interessante para análise pode ser aquela que explicita como os adultos leem para atender a diferentes propósitos.

Quando a ação é analisada e compreendida não do ponto de vista da aparência, isto é, apenas com o intuito da repetição da mesma atividade com as crianças, mas sim buscando entender os processos que ocorrem em situações semelhantes, é possível iluminar de forma diferente os objetos de ensino.

* CONCEITO DESENVOLVIDO POR DONALD SCHÖN.

Uma das estratégias formativas é a socialização do trabalho realizado num grupo que tem em comum um projeto de formação. A mesma estratégia pode também ser utilizada por um coordenador de professores que têm em comum um projeto didático com os alunos de diferentes classes de uma mesma série. A estratégia de socialização tem como objetivo compartilhar o andamento do trabalho, as principais conquistas e dificuldades encontradas pelos alunos como também pelos educadores. Acrescente-se a isso a possibilidade de o grupo de educadores aprender e refletir a partir da fala do outro educador. Porém, para que essa estratégia realmente saia do patamar de uma roda de conversa, para que seja uma conversa que realmente interesse a quem está ouvindo e não apenas a quem fala, é necessária, por parte do coordenador, a sistematização das falas dos professores, a explicitação de que esse momento é realmente importante para todos porque é um espaço de aprendizagem a partir da reflexão e da prática docente de cada participante do grupo.

MÁRCIA CRISTINA² E ANDRÉA³ – VOTORANTIM, 2006.



² Márcia Cristina da Silva, coordenadora de projetos e formadora do Instituto Avisa Lá.

³ Andréa Monteiro Uglar Pessoa, formadora do Museu da Pessoa no de 2007, é bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo e Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

Reflexões

Com o trabalho de síntese e a socialização dos registros elaborados pelos professores ao longo do processo, acionamos mais uma estratégia formativa:

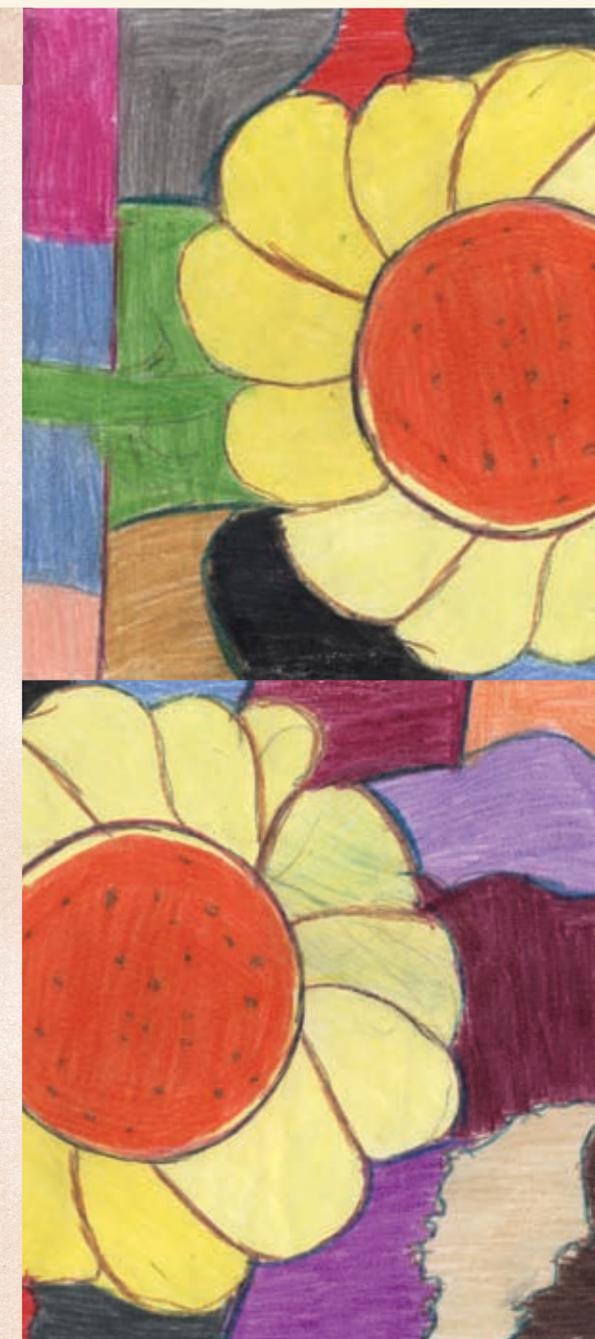
- A análise de registro com devolutivas
Escrever sobre a ação desenvolvida nas unidades educativas possibilita um distanciamento que incentiva a reflexão sobre a prática, principalmente quando o material escrito pode ser analisado por um parceiro mais experiente, que comenta, sugere diferentes ações e faz indagações esclarecedoras.

Sugestões

Roteiro para síntese

A síntese incorpora o registro no processo de formação e possibilita compartilhar o encontro com quem esteve ausente, retomar conteúdos e pontos de consenso, além de criar um documento para a instituição. É também um instrumento para a formação. Uma síntese bem elaborada apresenta:

1. Cabeçalho:
 - a) identificação do programa;
 - b) identificação do autor da síntese;
 - c) identificação do encontro que foi registrado;
 - d) data;
 - e) semestre da formação (1º, 2º, 3º ou 4º).
2. Introdução:
 - a) informes gerais;
 - b) agenda: endereços úteis e informações sobre a programação cultural do mês;
 - c) indicação de leitura;
 - d) pauta geral do encontro.
3. Parte 1 – Desenvolvimento do conteúdo:
 - a) explicação do conteúdo apresentado e das relações que eles mantêm com a prática educativa e os problemas dos profissionais da escola e das crianças;
 - b) registro das falas dos participantes, das perguntas que eles trouxeram.
4. Parte 2 – Fechamento:
 - a) sistematização dos conhecimentos construídos em grupo;
 - b) tarefas para o mês;
 - c) comentários gerais sobre as questões de grupo;
 - d) impressões pessoais organizadas de acordo com um ponto de reflexão.





2

O TRABALHO COM PROJETOS DIDÁTICOS E OS PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO⁴

OS PROJETOS DIDÁTICOS

A elaboração de um projeto didático funciona como uma estratégia de trabalho na qual os envolvidos são colocados em um real contexto de aprendizagem. A ideia é aprender a fazer fazendo: errando, acertando, tendo problemas para resolver, obstáculos para superar, discutindo, construindo hipóteses, observando, revendo, argumentando, tomando decisões, pesquisando – o que cria a necessidade de aprender de forma compartilhada.

Vividos na relação professor-aluno, em torno de um objeto de conhecimento, os projetos didáticos são entendidos como projeção de uma sequência de ações – de organização do trabalho de pesquisa, sistematização e socialização de conhecimentos – ao longo de um tempo previsto, atendendo a determinados propósitos educativos e objetivos comuns entre os membros de um grupo. Há sempre um produto final a ser compartilhado. Assim, os projetos também contribuem para aprimorar as relações em grupo e a organização de um trabalho cada vez mais autônomo entre os alunos.

⁴ Alguns trechos deste capítulo também foram baseados no livro *Bem-vindo, mundo!: criança, cultura e formação de educadores*, de Silvia Carvalho, Adriana Klisys e Silvana Augusto. São Paulo: Peirópolis, 2006.



Sugestões

Estrutura de um projeto

Tendo como ponto de partida um objeto de conhecimento a ser investigado, elaborar:

1. Justificativa
2. Produto final
3. Objetivo compartilhado
4. Objetivos/conteúdos – o que o professor quer que as crianças aprendam
5. Etapas previstas
6. Orientações didáticas
7. Avaliação

Os projetos de registro de memória, como aqui propomos, propiciam aos alunos a oportunidade de construir uma percepção sobre o passado e o presente a partir das narrativas de outras pessoas. Os alunos podem perceber que a História não é uma narrativa fria acerca de pessoas importantes ou determinados fatos políticos e econômicos, mas um conjunto de narrativas articuladas, que podem ser compreendidas em sua riqueza e diversidade. Isto possibilita que criem vínculos não apenas com as pessoas, mas também com as histórias narradas. É ainda uma oportunidade para que os alunos se sintam parte da comunidade cujas histórias são acolhidas, valorizadas e preservadas pela escola.

O que se espera com o *Projeto Memória Local na Escola*?

- Uso da memória oral pela comunidade escolar como fator de valorização pessoal, cultural e comunitário.
- Desenvolvimento da comunicação oral, leitura e escrita dos alunos.
- Desenvolvimento da produção de conteúdo pelos professores e alunos para a internet, que é usada como espaço de divulgação de histórias de vida.
- Desenvolvimento da linguagem visual (desenho).
- Uso da metodologia de organização da prática do professor.
- Valorização de práticas de preservação e uso da memória produzida pela escola.

Reflexões

O que qualifica um bom projeto?

REGINA SCARPA

Editoria do Jornal Por um Triz – nº 7

1. O objetivo do projeto é claro e sua justificativa é coerente com este.
2. A educadora conhece o assunto que se pretende estudar, ou busca conhecê-lo previamente.
3. Os recursos e os materiais sobre o assunto estão selecionados e disponíveis na hora do trabalho.
4. A educadora sabe – porque fez um levantamento dos conhecimentos prévios –, o que as crianças conhecem e desconhecem sobre o conteúdo em questão.
5. O conteúdo do projeto é significativo em si (porque permite o estabelecimento de grande número de relações), e é significativo para as crianças (porque admite que elas coloquem em jogo, para estudá-lo, tudo o que sabem, podendo avançar além do já sabido).
6. As crianças conhecem e compartilham o objetivo do projeto.
7. As especificidades do conteúdo em questão estão contempladas nas etapas do projeto.
8. Há nele continuidade educativa, isto é, encadeamento significativo de suas etapas em um crescente de complexidade.
9. As atividades preveem orientações didáticas específicas para aquele objeto de conhecimento.
10. O projeto possibilita transferências conceituais, isto é, amplia a compreensão da criança sobre si e sobre o meio cultural.
11. O tema e os desdobramentos do projeto estão incluídos em práticas sociais concretas, de modo a sempre transcender os muros da creche ou escola.
12. O projeto favorece a interação entre as crianças como importante fator de aprendizagem.
13. O projeto traz, apresentadas com suficiente clareza, suas orientações didáticas, a ponto de poder ser reproduzido.
14. O projeto é composto de atividades desafiadoras que promovem a ação mental das crianças e possibilitam diversidade de estratégias em suas produções.
15. A educadora conduz o projeto de forma suficientemente flexível para abrir mão de alguma etapa prevista e incorporar novas etapas, a depender da produção das crianças.
16. As atividades do projeto têm caráter lúdico e contemplam as dimensões imaginativas do pensamento infantil, bem como a dimensão simbólica do conhecimento humano.
17. O produto final do projeto torna visíveis os processos de aprendizagem e os conteúdos aprendidos.

OS PRINCÍPIOS DA FORMAÇÃO

O trabalho de formação é baseado em alguns princípios que permeiam o tempo dos encontros em que ocorrem trocas de experiências, de conhecimentos, de ideias e de saberes. Acima de tudo, busca-se a formação de um profissional reflexivo, que pense continuamente sobre sua própria prática educativa.

- Reflexão e autoria

Com a reflexão sobre a prática, articula-se o conhecimento da teoria e a reformulação consciente da prática profissional. Nesse sentido, o professor não é mero executor de planejamentos e atividades elaborados por outras pessoas. A complexa tarefa de educar pede um profissional que tenha uma visão integrada da realidade e condições de pensar sua atuação com propriedade, que se aventure a criar soluções com base em conhecimentos construídos na área e seja motivado a desenvolver novas práticas profissionais e a abrir-se para experiências culturais diversificadas. As ações de formação, portanto, objetivam incentivar a busca do conhecimento, apoiar o planejamento e a reflexão, e não apenas a transmissão de informações técnicas sobre a área. Almeja-se o exercício da autonomia profissional, que é condição para uma instituição educativa funcionar como lugar de reflexão, de circulação e apropriação de conhecimentos, de inserção singular em uma realidade complexa.

- Resolução de situações-problema

Ao longo da formação, os educadores precisam ter decisões para tomar, ações para realizar, desafios que os mobilizem a colocar em jogo tudo o que sabem. Assim, o formador busca criar situações nas quais os educadores possam articular diferentes respostas diante da proposta de trabalho de registro de história oral. Apoiados pelas orientações que lhes são fornecidas, os formadores põem em ação competências e capacidades que já possuem para adquirir outras novas. Assim, a transposição de um obstáculo representa um patamar no desenvolvimento profissional. É preciso que a fundamentação teórica seja sempre acompanhada de perguntas que instiguem os professores envolvidos com o projeto a refletirem sobre suas práticas cotidianas.

- A teoria embasa a prática

Transformar um processo formativo profissional em uma combinação produtiva entre teoria e prática é um dos grandes desafios dos formadores. A experiência do Projeto Memória Local na Escola mostra que apenas conhecer bem a teoria não conduz a uma mudança na prática. Por outro lado, a prática sem um embasamento teórico não possibilita a autonomia profissional, muito menos favorece a criação de soluções singulares dos problemas que emergem. A teoria está presente na for-

mação por meio do trabalho com conteúdos específicos que servem para embasar a resolução das questões que envolvem um projeto didático com foco na memória oral. As respostas aos problemas que surgem ao longo do projeto são construídas de acordo com cada contexto, numa interlocução entre diferentes autores: de um lado, o professor, que tem uma prática cotidiana na escola, com seus saberes, dúvidas e questionamentos; de outro lado, o formador, com sua experiência sobre as dúvidas no processo e com condições para compartilhar seus conhecimentos com o professor e ajudá-lo a assumir decisões educativas coerentes com os objetivos propostos.

- Apoio à construção de competências

A formação dos professores desse projeto ocorre quando os profissionais já estão exercendo suas funções nas escolas. Por esse motivo, a ação depende substancialmente das questões que emergem da atuação direta dos envolvidos, já que ali estão os problemas reais, a matéria-prima que interessa de fato estudar, conhecer, transformar. Essa proposta de formação é centrada nas diferentes competências que os profissionais precisam construir para desempenhar bem sua função. O processo de ação-reflexão-ação que ocorre coletivamente, e estreitamente vinculado aos contextos de trabalho, é capaz de promover o desenvolvimento dessas competências.

- O conhecimento é provisório

Os conhecimentos são provisórios: são construídos a partir de reorganizações constantes e de aproximações sucessivas do objeto a ser conhecido. Não existem verdades absolutas nem permanentes. O que existe é a possibilidade de interpretar a realidade por meio do conhecimento disponível no momento. Desse modo, o erro é constitutivo do ser humano. O que está em jogo para um professor não é o acerto dos alunos, mas sim a possibilidade que eles têm de rever suas hipóteses, pensamentos e ações. O erro também faz parte da construção da autonomia profissional. Quanto mais pensarmos nos “possíveis erros” como problemas coletivos a serem reformulados em parceria, mais contribuimos para a formação de uma equipe colaborativa e autônoma.

- Aprendizagem coletiva

Transformar e aprimorar as práticas cotidianas a partir do trabalho com a metodologia de registro de história oral. Esses são alguns dos principais objetivos da formação de professores do Projeto Memória Local na Escola. Numa instituição educativa, é difícil que essa mudança seja concretizada por uma única pessoa. Por isso, é imprescindível reunir uma equipe cooperativa de trabalho, tecendo uma rede que se apoie mutuamente, que reflita em conjunto, socialize ideias e conquistas. O que se espera é que as competências profissionais sejam construídas coletivamente, ainda que se preservem as singularidades.



MEMÓRIA

3

Memória e identidade

A memória contribui para a construção da identidade porque nos possibilita elaborar os conceitos de si e de nós em oposição ao conceito de outro(s). Conhecer a experiência da comunidade, proporcionar às crianças o acesso a um passado comum, construído pelas histórias dos que chegaram antes, presenciaram e participaram de mudanças... Ao se criar para as crianças e jovens a oportunidade de conectar a sua experiência à experiência dos mais velhos, refaz-se o fio da memória e se fortalece o sentido de identidade.

ZILDA KESSEL, EM A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NA ESCOLA.

O Projeto *Memória Local na Escola* propõe a reflexão sobre qual o lugar das memórias e das histórias na vida de cada pessoa e na sociedade. São muitas as perguntas para disparar uma conversa inicial sobre esse tema tão envolvente. O que é memória? Como funciona a memória? Para que serve? Onde está guardada?

As possíveis respostas a essas perguntas conduzem a uma percepção de que a História nunca está pronta, nem é absoluta. O fazer histórico é um processo permanente, vivo, que diz respeito a todos. Nesse sentido, a narrativa histórica transmite valores e visões de mundo e ajuda a compreender o que se vive hoje e o futuro que se deseja.

Assim, a possibilidade de registrar e definir o que faz parte da história passa para as mãos das comunidades locais, o que constitui um movimento importante no sentido do desenvolvimento social.

5 Edi Fonseca, formadora do Instituto Avisa Lá, é pedagoga pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e contadora de histórias.

6 Heloisa Pacheco, formadora do Instituto Avisa Lá, é especialista em Arte Educação pela Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo.



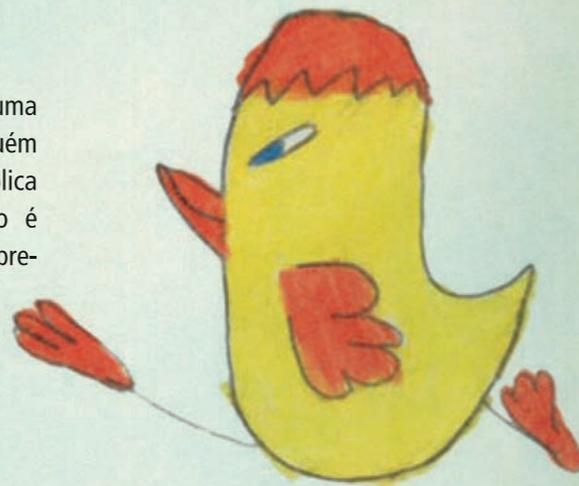
Reflexões

O que é memória?

A memória pressupõe registro – ainda que tal registro seja realizado em nosso próprio corpo. Ela é, por excelência, seletiva. Reúne as experiências, os saberes, as sensações, as emoções, os sentimentos que, por um motivo ou outro, escolhemos para guardar.

O que é história?

Toda história é sempre uma narrativa organizada por alguém em determinado tempo e implica uma seleção. Essa construção é realizada, invariavelmente, no presente, por um ou mais atores.



Lemos com as professoras o livro do Guilherme Augusto e fizemos as mesmas intervenções que fazemos com as crianças. Antes da leitura do livro perguntamos aos educadores o que é memória e eles disseram: “o que fica”, “registro da história”, “experiência”, “elefante”, “lembração boa”, “algo que não volta”, “saudade”, “passado”, “às vezes falta”, “uma marca”. Após a leitura, fizemos a mesma questão para, então, ouvirmos: “resgate de fatos passados”, “emoções”, “rir”, “chorar”, “associação com objetos, cheiros, sabores (todos os sentidos)”, “fotografia”, “reviver”, “memória individual e coletiva”, “tradição”, “interpretação”, “seletiva”, “recordação” e “querer apagar”.

EDI⁵ E HELÔ⁶ – SANTO ANDRÉ, 2008

Sugestões

A seguir, algumas propostas interessantes para a oficina de sensibilização:

• Roda de história

As memórias de cada integrante do grupo podem ajudar os outros a lembrarem de suas próprias histórias. Assim, juntos, os integrantes escolhem um tema ou um marco importante para todos e cada um conta uma lembrança sobre o assunto.

• História do nome

Individualmente, cada participante escreve a história do próprio nome. Alguns são selecionados para serem lidos para o grupo. Na socialização, discutem-se os diferentes tipos de narrativa, as escolhas feitas por cada um e como essas escolhas nos revelam histórias e valores dos diferentes grupos.

• História da foto

Em duplas, os professores fazem uma pequena entrevista para obterem informações sobre uma foto que o colega levou. Após o relato, o educador que ouviu a história da foto registra a narrativa do colega em um cartão contendo a imagem e uma legenda. Alguns cartões são selecionados para serem lidos para o grupo.

• Registro de um recorte da história de vida pessoal

Cada participante prepara um registro por escrito, elegendo os marcos principais de sua história de vida. Na socialização, pode ser discutida a questão da memória individual e coletiva, analisando as seleções que foram realizadas e as diferentes lógicas acionadas na construção do registro. Cada educador colará sua história em um suporte coletivo, dialogando com as histórias dos colegas e pensando na diagramação, composição, cores, tema e outros elementos para a elaboração de um livro das histórias desse grupo.

O que se espera com essas atividades:

- Conhecer os conceitos básicos de memória e história oral;
- Sensibilizar os professores para a participação no projeto a partir da abordagem dos principais conteúdos trabalhados: história de vida, memória, comunicação oral, produção de texto, registro, leitura pelo professor e desenho.

A sensibilização é o ponto de partida para orientar os professores sobre o trabalho a ser realizado com os alunos. As propostas acima descritas podem ser adaptadas e adequadas à faixa etária de cada grupo de alunos e realizadas em momentos de roda de conversa, que são atividades permanentes no projeto e constituem um espaço de troca cotidiana sobre todas as etapas desenvolvidas. As histórias dos nomes, das fotos ou de objetos servem como disparadores para qualificar a roda de conversa.

Sugestões

O baú de memórias e o mural

Todos os materiais produzidos na oficina, assim como outros registros elaborados ao longo do desenvolvimento do projeto, podem ser guardados em um baú de memórias. A ideia é que os professores organizem baús que seus alunos irão recheiar com suas histórias. É fundamental a construção de um mural em que serão registradas as atividades realizadas. O baú de memórias e o mural são atividades que podem ser realizadas tanto nos encontros de formação com os professores como na sala de aula, com os alunos.

Com essas vivências, acredita-se que o grupo possa descobrir uma outra maneira, valiosa, de provocar a narrativa de uma pessoa: a entrevista de história de vida. Podemos definir história de vida como a narrativa construída a partir do que cada um guarda seletivamente em sua memória. Tal narrativa revela como organizamos e traduzimos para o outro parte daquilo que vivemos e conhecemos.

A ENTREVISTA

A entrevista é uma prática de interação entre dois lados: quem conta e quem pergunta/ouve. O que se busca é criar um momento de troca e diálogo entre as duas partes, sendo que o assunto da conversa é a história de vida de uma delas. Pode-se dizer que a entrevista é um produto em co-autoria do entrevistado e do entrevistador.

Os projetos de memória realizados na escola têm por objetivo oferecer as possibilidades para que os alunos conheçam e valorizem as histórias e as experiências das pessoas. Para isso, não é preciso que sejam famosas ou importantes. É preciso que tenham vontade de falar, disponibilidade e interesse em conversar sobre suas vidas.



A professora e as crianças estavam muito animadas para o dia da entrevista. Foram diversos os preparativos para a recepção da depoente: cartazes de boas-vindas e agradecimentos, flores, música ensaiada para ser apresentada quando a depoente chegasse, lanche especial. É interessante ressaltar o envolvimento de toda a escola na atividade, pois percebemos que todos, professoras e crianças, aguardaram a chegada da depoente e participaram do lanche coletivo.

CINTHIA⁷ E DANILO⁸ – BELMIRO BRAGA, 2008.

Uma discussão interessante foi sobre ao momento de chegada do entrevistado e os cuidados que auxiliam a garantir um bom “clima” para que a entrevista aconteça. Por mais que o professor tenha explicado com antecedência o objetivo da entrevista, que ela será realizada na escola ou Núcleo Sócio Educativo, com crianças ou jovens, que será filmada, fotografada, é bom retomar tudo isso com muita tranquilidade, antes de o depoente entrar na sala, pedindo que ele conte coisas interessantes de sua vida.

EDI E ZILDA⁹ – SÃO BERNARDO, 2006.

Muitas vezes, a partir das informações que os alunos trazem sobre familiares é possível descobrir bons depoentes. Uma conversa prévia com o entrevistado, feita pelo professor quando se tratar de crianças menores, ou pelos próprios alunos, se forem mais velhos, pode ajudar na escolha.

Ao planejar a entrevista, é importante compreendê-la como um momento especial em que a pessoa pode se religar à sua memória e contar sua história, com a ajuda de entrevistadores atentos e respeitosos. É como puxar o fio da memória e deixar que a narrativa flua. A entrevista é um momento particular do trabalho com memória. É um momento de encontro. Tudo deve ser preparado com antecedência e o depoente deve ser informado sobre como ela ocorrerá, qual a duração prevista, quem são os entrevistadores (alunos de qual faixa etária) e como será registrada (gravação em áudio ou em vídeo).

⁷ Cinthia Manzano é formadora do Instituto Avisa Lá e Mestra em Educação na área de formação de professores pela Faculdade de Educação da Universidade São Paulo.

⁸ Danilo Eiji Lopes, formador do Instituto Museu da Pessoa, é bacharel e licenciado em História pela Universidade de São Paulo.

⁹ Zilda Kessel, formadora do Museu da Pessoa entre os anos de 2001 e 2007, é educadora, especializada em Museologia pela “École du Louvre”, Ministério da Cultura e Comunicação da França, com mestrado em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo.

Costuma-se dizer que, para uma boa entrevista, bastam boas perguntas iniciais. A partir de então, é saber ouvir uma história que muitas vezes está simplesmente guardada, pronta para ser contada. Nesse caso, além de um bom roteiro de entrevista, a ser construído pelos alunos, com o auxílio do professor, é preciso um grupo preparado para auxiliar a pessoa a organizar as lembranças que vêm à tona em uma narrativa própria.

O roteiro de entrevista é uma sequência de perguntas a serem feitas ao entrevistado, uma orientação para os entrevistadores. O trabalho de construir o roteiro nos ajuda a pensar no entrevistado, naquilo que queremos saber a respeito de sua vida.

Sugestões

Para construir um roteiro, é importante considerar o seguinte:

1. Com crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, um roteiro de cerca de 20 perguntas é suficiente e resultará em uma entrevista de cerca de 30 a 40 minutos, material suficiente para ser trabalhado. Os alunos mais velhos podem construir roteiros mais longos, de até 45 questões, já que possuem competências para o trabalho de transcrição e edição de textos.
2. O roteiro deve obedecer a uma sequência cronológica. Isso ajuda o entrevistado a ir se lembrando das fases da sua vida.
3. Boas perguntas são aquelas que possibilitam ao entrevistado descrever as suas experiências.
Exemplos.: Onde o senhor morava quando era criança? Como era a rua? Por que o senhor decidiu imigrar para o Brasil? Como foi a viagem para o Brasil? Como foi a chegada?
4. Perguntas que devemos evitar:
Perguntas amplas: Como foi a sua juventude?
Perguntas indutivas: O senhor não acha a violência o maior problema do Brasil?
5. O roteiro é um ponto de partida. No decorrer da entrevista, percebemos quais perguntas tocam em temas importantes para o entrevistado e, por isso, podem ser completadas, e quais temas não interessam ao entrevistado e podem ser omitidos. Muitas vezes, ao responder a uma pergunta, o entrevistado traz informações que respondem a várias outras questões do roteiro. Não é preciso fazê-las novamente.

Uma maneira interessante de preparar os professores para o trabalho é propor que façam o exercício de realizar uma entrevista com um dos participantes da formação. Assim, poderão vivenciar todas as etapas dessa experiência: a escolha do depoente, o roteiro de entrevistas, a entrevista em si, além, possivelmente, da construção coletiva do texto e elaboração dos desenhos.

Coletivamente escolhemos, entre o grupo de educadores, alguém para fazermos a entrevista-piloto. Assim poderíamos também fazer o roteiro coletivo. Decidimos pela coordenadora Janete. Questionamos que perguntas eles gostariam de fazer para ela. Enquanto eles falavam, eu anotava na lousa as questões. Uma diferença entre essa atividade com os professores e com as crianças é que os professores já querem fazer questões na ordem cronológica, e claro que conseguem, por já terem em mente essa “linha do tempo”. Ressaltamos bastante que isso não aconteceria com as crianças. Elas farão questões desordenadas, sendo que o professor deverá anotar todas, depois ajudá-los a organizar o roteiro.

GISELLE¹⁰ E HELÔ – PARATY, 2008.

¹⁰ Giselle Vitor da Rocha, formadora do Instituto Museu da Pessoa, é Mestre em Estudos Literários, na área de Literatura Brasileira, pela Universidade Federal de Minas Gerais



Durante a entrevista a professora tem o papel fundamental de ajudar os alunos a perceberem quais temas foram mais interessantes e podem ser retomados ao final, ajudando as crianças a fazerem as perguntas que surgiram a partir da própria fala do depoente. Além disso, é importante que o professor coordene o registro da entrevista do ponto de vista técnico (gravação de áudio, filmagens, fotografias...).

Sugestões

Para a entrevista, alguns materiais de coleta de dados não podem faltar:

- Ficha de cadastro - em que são anotados os dados do entrevistado.
- Documento de cessão de direitos da entrevista – em que o entrevistado autoriza a escola a utilizar o seu depoimento em produtos como livros, artigos de jornal, sites, entre outros.



Para saber +

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Paz e Terra. (Capítulo 7 – A entrevista)



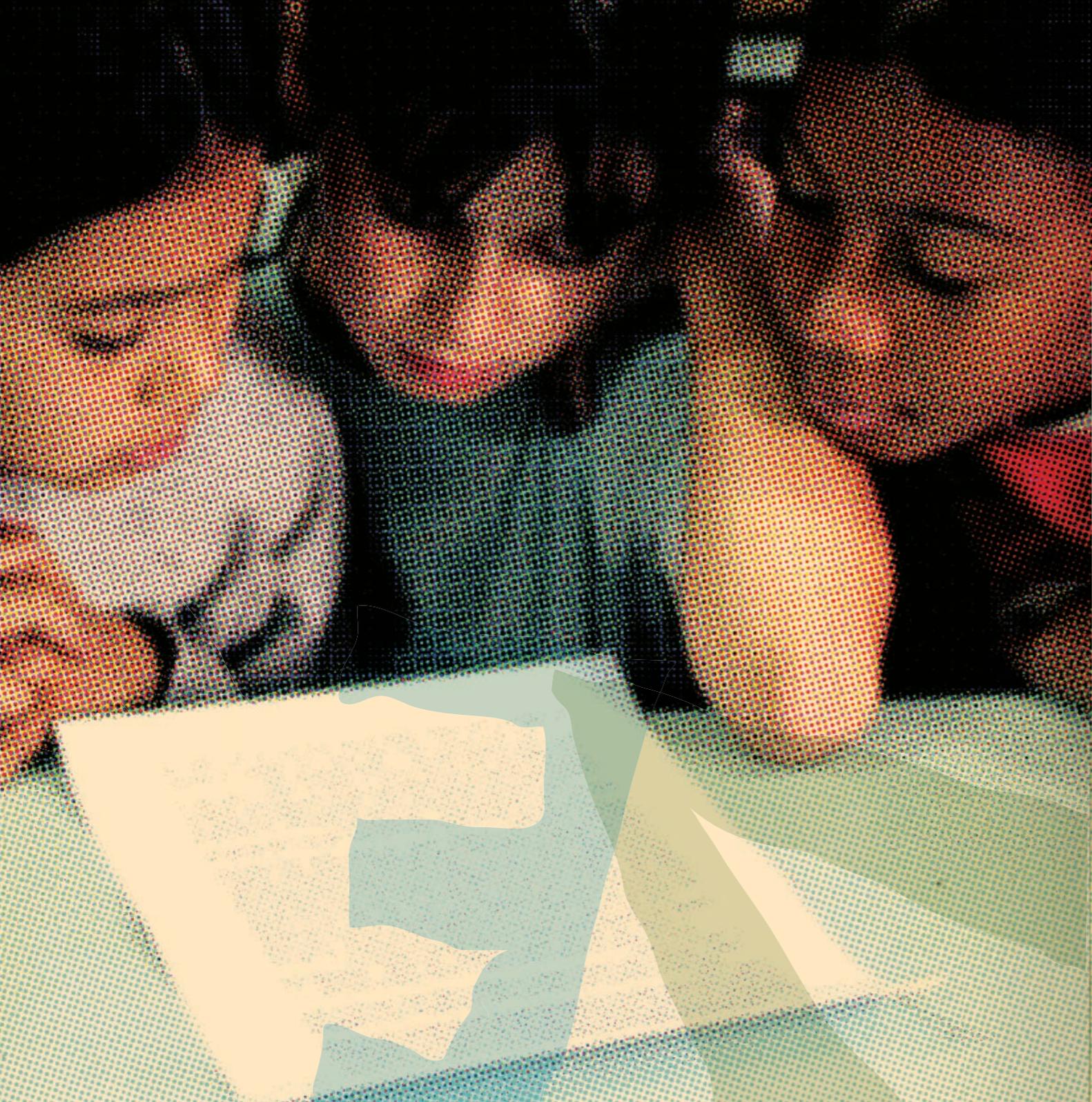
Objetivos do trabalho com entrevista (professores):

- Saber selecionar bons depoentes.
- Elaborar um roteiro de entrevista de história de vida.
- Saber planejar as etapas de uma entrevista.
- Saber fazer intervenções adequadas durante a entrevista.
- Reconhecer os encaminhamentos necessários para o bom desenvolvimento da entrevista.
- Debater sobre as utilizações das histórias de vida e seus desdobramentos.
- Refletir sobre a complementaridade entre memória individual e coletiva.

Objetivos do trabalho com entrevista (alunos):

- Saber selecionar depoentes.
- Saber elaborar um roteiro de entrevista.
- Valorizar e respeitar as questões que foram acordadas para o trabalho em grupo.
- Saber ouvir o entrevistado.
- Saber formular novas questões de acordo com o contexto.
- Utilizar procedimentos de registro da entrevista: desenho, gravação e foto.





LEITURA

4

O comportamento do leitor e do escritor são conteúdos – e não tarefas, como se poderia acreditar – porque são aspectos do que se espera que os alunos aprendam, porque se fazem presentes na sala de aula precisamente para que os alunos se apropriem deles e possam pô-los em ação no futuro, como praticantes da leitura e da escrita.

DELIA LERNER, EM LER E ESCREVER NA ESCOLA.

A LEITURA PELO FORMADOR E A LEITURA PELO PROFESSOR

Algumas professoras relataram que, com a prática de leitura proposta com o projeto, a atividade de leitura, inserida na rotina como algo permanente, transformou-se no momento de maior interesse e envolvimento das crianças. Os alunos criam expectativas com relação à história que será lida, ou mesmo trazem livros de casa para que sejam lidos. Também houve relatos de construção de cantos de leitura e de pequenas bibliotecas nas salas, deixando os livros cada vez mais acessíveis às crianças.

CINTHIA E DANILO – BELMIRO BRAGA, 2008.

A leitura em voz alta pelo formador nos encontros de formação é uma atividade constante no projeto. Espera-se que essa atividade também seja apropriada pelas escolas no seu cotidiano. Essa atividade possibilita aos alunos a compreensão de como é o comportamento de um leitor.

Reflexões

Comportamentos leitores:

- Comentar ou recomendar o que se leu;
- Compartilhar a leitura;
- Confrontar com outros leitores as interpretações geradas por um livro ou por uma notícia;
- Discutir as intenções implícitas em manchetes de um determinado jornal;
- Antecipar o que segue no texto;
- Rer ler um fragmento anterior para verificar o que se compreendeu ao se detectar uma incongruência;
- Saltar o que não se entende ou não interessa e avançar para compreender melhor;
- Identificar-se com o autor ou distanciar-se dele assumindo uma posição crítica;
- Adequar a modalidade da leitura – exploratória ou exaustiva, pausada ou rápida, cuidadosa ou descompromissada – aos propósitos que se perseguem e ao texto que se está lendo.

REFERÊNCIA: LERNER, DELIA. *LER E ESCREVER NA ESCOLA: O REAL, O POSSÍVEL E O NECESSÁRIO*. PORTO ALEGRE: ARTMED, 2002.

Para que os alunos desenvolvam comportamentos leitores socialmente consagrados, é importante uma preparação cuidadosa de cada etapa da atividade de leitura pelo professor.

Sugestões

Condições para uma boa leitura:

- Conhecer o que se vai ler.
- Saber para que se vai ler.

Procedimentos que o professor deve considerar durante a leitura:

- Confiar nas possibilidades dos leitores-ouvintes (para aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente).
- Acionar os conhecimentos prévios dos leitores.
- Relacionar as informações do texto aos conhecimentos prévios.
- Ajudar o grupo a levantar as previsões (desde o título até o autor, a fonte etc.) sobre o texto.
- Ajudar o grupo a inferir.
- Formular perguntas antes e durante a leitura.
- Recapitular, quando necessário.

Formamos um círculo com as crianças para a leitura em voz alta do livro Guilherme Araújo Fernandes, de Mem Fox – Ed. Brinque-Book. Na medida em que a leitura ia acontecendo, fomos fazendo algumas intervenções para ressaltar detalhes com as crianças, até o momento em que o personagem do livro pergunta ao pai: “O que é memória?” Jogamos, então, a mesma questão para os alunos. Preenchemos em uma cartolina os comentários dos alunos a respeito desse conceito e percebemos como eles já possuem algum repertório sobre o tema. As crianças mostraram-se participativas e interessadas. Continuamos a leitura, sempre com comentários nossos e das crianças para, ao final do livro, novamente, indagarmos sobre a memória e esse repertório ser acrescido de novos conceitos.

GISELLE E MARIA PAULA¹¹ – ITAPEVA, 2006.

¹¹ Maria Paula Twiaschor, formadora do Instituto Avisa Lá, é Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Objetivos do trabalho de leitura (professores):

- Apreciar um texto literário.
- Refletir sobre o papel do professor como modelo de leitor.
- Conhecer os propósitos de leitura de textos literários.
- Desenvolver conhecimentos didáticos envolvidos na leitura pelo aluno.
- Tornar observáveis os comportamentos leitores.

Objetivos do trabalho de leitura (alunos):

- Saber ouvir e comentar a história lida.
- Manifestar os conhecimentos que já têm sobre memória e ampliá-los a partir de leitura e intervenções.
- Desenvolver comportamentos leitores.

A leitura de textos que abordam questões da memória também pode ser aproveitada na observação dos recursos linguísticos utilizados pelos diferentes autores, visando um enriquecimento da produção escrita.

Para saber +

LERNER, Delia. *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GASTALDI, Virgínia. “E depois de ler, fazer o quê?” In: *Revista Avisa Lá*, n. 26, abril 2006.

A produção escrita dos professores deve ser incentivada ao longo de todo o processo de formação. A entrevista realizada com alguém do grupo, as sínteses e outras atividades podem ser pontos de partida para o exercício da escrita.

Esse trabalho com a escrita aparece com força no projeto. A partir da entrevista e das atividades de leitura pelo professor, propomos que um texto seja construído pelos alunos, buscando estabelecer uma relação articulada entre os processos de leitura e escrita. Subsidiados pelos exercícios de escrita propostos, os professores coordenam a construção do texto destinado ao projeto de maneira coletiva com seus alunos, a partir de suas experiências pessoais no processo de formação.

Sugestões

A construção do texto com os alunos

Perguntas norteadoras:

- Qual será o destino dessa escrita? Qual será o portador? Quem serão os leitores?
- O que podemos utilizar para nos apoiarmos? Registro do roteiro de entrevista, desenhos legendados, registro dos momentos da entrevista.
- Qual será o fio condutor do texto? Faremos um roteiro para a criação do texto?
- Como começaremos o texto?



As etapas:

- A professora propõe aos alunos que relembrem os temas tratados pelo entrevistado e registra a lista de temas no quadro.
- A professora, atuando como escriba do grupo, registra no quadro o texto que relata a entrevista a partir das sugestões das crianças, relendo o texto desde o começo a cada construção de um novo trecho. Em outro momento, faz a revisão coletiva do texto.
- Se os alunos já escrevem com desenvoltura, em vez de registrar o texto no quadro, a professora distribui os temas aos alunos para que, individualmente ou em duplas, escrevam o que o entrevistado falou sobre o tema. Na sequência, organiza as contribuições elaborando um texto final a ser revisado pelo grupo.
- O texto final é, então, digitado pelos alunos no computador da escola.

O momento da tematização da entrevista gravada vídeo foi muito rico. Dessa vez resolvi fazer pequenas paradas a cada trecho selecionado, discutindo a estratégia utilizada e os objetivos e as professoras foram comparando com suas práticas em sala. Uma das escolas, que sempre quer fazer antes das outras, disse que já havia feito o texto coletivo e, à medida que fomos assistindo ao vídeo e discutindo, elas foram percebendo que o encaminhamento era bem diferente.

MARIA PAULA – ITAPEVA, 2006.

Nesse processo, os alunos decidem quem será o destinatário da produção escrita, selecionam o que necessitam para escrever, definem o começo e o fim do texto, consultam o professor e os materiais escritos para buscar informações ou enriquecer o texto, releem e fazem mudanças ao longo da produção e revisam globalmente o texto até terminarem com uma versão aceitável pelo grupo. Dessa maneira, os alunos são colocados em uma real posição de escritores, entrando em contato com um determinado gênero textual e trabalhando com a perspectiva dos propósitos da escrita.

Conversamos com as crianças, dizendo que uma prática das pessoas que escrevem consiste em, depois de escrever, fazer uma leitura e revisar o texto para deixá-lo com uma escrita melhor, isto é, mudar palavras de lugar, escolher um termo, procurar dar mais clareza ao que foi dito para que o leitor entenda... E dissemos que faríamos isso com o texto escrito sobre a vida do depoente.

CINTHIA E DANILO – BELMIRO BRAGA, 2008.

Uma etapa a ser destacada nesse processo refere-se ao trabalho de revisão de texto. A revisão busca a eficiência comunicativa do texto e possibilita aprimoramento da produção. Nesse caso, tanto o produto quanto o produtor se beneficiam dela. Na escola, a revisão é feita para promover o aprendizado de como fazê-la com autonomia, articulando práticas de escrita e leitura. Quando realizada na escola, essa etapa também pode contribuir para a construção de novos conhecimentos sobre a língua.



Reflexões

O que é revisar?

- Utilizar um conjunto de procedimentos a fim de trabalhar um texto até que ele seja considerado satisfatório para o momento. A revisão supõe a existência de rascunhos e versões consecutivas sobre as quais se trabalha, produzindo alterações que afetam forma e conteúdo.
- Identificar problemas no texto e pôr em prática o que se sabe sobre a língua para resolvê-los.
- Retirar, acrescentar, transformar e deslocar porções de texto são procedimentos usados na revisão de um texto.

O professor precisa:

- Identificar aspectos que precisam ser melhorados como repetições, falta de informações, necessidade de substituições etc.
- Organizar o espaço e o agrupamento tendo em vista um trabalho coletivo.
- Orientar os alunos quanto à participação: cada um terá sua vez de falar e todos devem trazer suas contribuições.
- Informar aos alunos que a revisão será feita em partes e em mais de uma aula, se for preciso.
- Ler o trecho a ser revisado para que os alunos possam perceber o que precisa ser melhorado.
- Ler o texto revisado para que possam observar se está bom ou se é necessário acrescentar ou retirar mais alguma coisa.

Os alunos precisam:

- Conhecer o texto fonte, que deu origem ao que está sendo revisado.
- Oferecer sua contribuição coordenando as diferentes ideias e tendo em vista um acordo sobre a forma final.
- Esperar sua vez de falar.

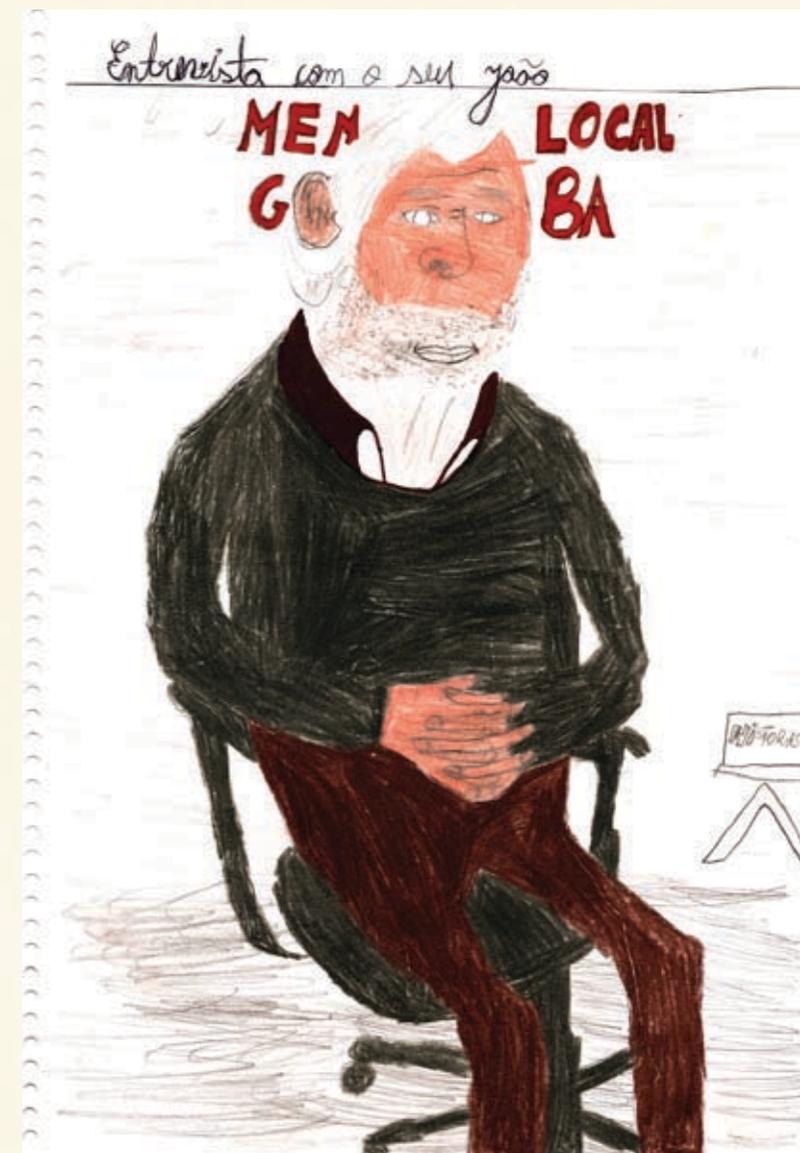
O texto final pode ser dividido em partes para serem ilustradas, o que gera o trabalho com o desenho, que será tratado no próximo item deste texto. Os desenhos introduzem outra atividade de escrita ligada ao projeto: a produção das legendas. É importante que se faça a apreciação de diferentes tipos de legendas, o que levará a uma reflexão sobre como construir legendas ricas para os desenhos feitos pelos alunos.

Para saber +

TEBEROSKY, Ana;
COLOMER, Teresa.
Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

Objetivos do trabalho com escrita (alunos):

- Colocar-se no papel de leitor do texto produzido.
- Saber identificar problemas do texto e aplicar conhecimentos sobre a língua para resolvê-los: acrescentar, retirar, deslocar.
- Realizar procedimentos específicos de revisão do próprio texto.
- Fazer a revisão coletiva, o que oferece a oportunidade discutir e analisar as características discursivas de um mesmo texto.
- Identificar os recursos linguísticos empregados pelos autores para descrever acontecimentos e sensações.
- Aprender a planejar a produção de texto.
- Compreender que todo texto tem um destinatário e uma função.
- Escrever de acordo com o gênero proposto.
- Saber identificar e produzir diferentes tipos de legendas.





DESENHO

6

A partir da entrevista é possível realizar muitas atividades de desenho. Nesse contexto, é importante compreender o desenho como uma linguagem, que comunica ao leitor determinados aspectos trazidos pelos depoentes. Ao ilustrar as passagens da entrevista, os alunos utilizam a linguagem plástica como um significativo recurso de registro do que apreenderam e compreenderam sobre o que foi comunicado.

É importante que o professor observe e reflita a respeito da produção de desenhos por parte dos alunos. Como produzem seus desenhos? A produção de desenhos de observação, de memória e de imaginação merece destaque especial, pois possibilita a criação, a sensibilidade e a representação do entrevistado e de partes de sua vida com intuito de socializar a produção para um público externo. O desenho não retrata a realidade tal qual ela é, mas revela as concepções que podemos ter sobre a realidade e suas representações a partir de um olhar informado, sensível, e das vivências pessoais. Pensar na possibilidade de que aquele que desenha tem hipóteses sobre o desenho e sobre o ato de desenhar é fundamental para que as propostas dos professores não sejam desconectadas da vida dos alunos e que não façam sentido para elas.

Sugestões

Como orientar a produção de desenhos dos alunos

(adaptado de texto original de Alessandra Ancona e Cisele Ortiz do Instituto Avisa Lá)

Para a realização dos desenhos no *Projeto Memória Local na Escola* devemos ter alguns critérios e cuidados, sem os quais o trabalho não poderá ser bem aproveitado. São eles:

1. O desenho deve ser feito pelos alunos, o papel do professor é de orientador e não de realizador. Sempre devemos considerar a idade dos alunos e sua forma de perceber e expressar o mundo.
2. Os alunos muitas vezes têm uma tendência que se repete em todos os seus desenhos, como, por exemplo, fazer todos os desenhos bem pequenos, ocupando pouco o suporte. Essas tendências devem ser evitadas, propondo aos alunos estímulos para que eles encontrem outras soluções, além daquelas às quais estão acostumados.
3. O uso da cor é fundamental para que o trabalho fique mais visível nos possíveis produtos finais.
4. Para colorir os desenhos não deve ser usado giz de cera, material que não permite uma boa resolução da imagem no processo de digitalização.
5. É importante orientarmos os alunos para uma boa utilização da página, não deixando excessivos espaços em branco.
6. Nos desenhos referentes ao momento da entrevista é importante que cada um possa retratar o seu ponto de vista, com diversidade de versões. Quanto mais variados forem os pontos de vista, maior a riqueza de imagens.
7. Nos desenhos referentes às informações dadas pelo entrevistado, é importante que sejam retratados vários trechos da entrevista, mesmo que um deles tenha chamado mais a atenção do grupo. Caso contrário, pode-se ter toda a classe desenhando sobre a mesma passagem. Comentem com os alunos que esses desenhos devem dar um panorama de tudo o que foi falado. Se todos desenharem a mesma passagem, não haverá diferentes imagens da entrevista.
8. A cópia de soluções já prontas, seja em livros, revistas, fotografias etc., ainda que possa trazer um bom resultado em termos de acabamento, não interessa, já que não permite que o aluno se expresse.

Sugestão de sequência de desenhos:

- Retrato do amigo: sentar na frente para desenhá-lo.
- Desenho de modelo vivo – trocar posição, tempo de produção e acessórios.
- Desenho com interferência – partes do corpo.
- Desenhar partes do corpo para montar uma só figura.
- Desenhar a partir da foto.
- Apreciação de fotos e autorretratos.
- Desenhar diferentes tipos físicos.
- Fazer livrinhos em que se alternam cabeça, corpo e membros.
- Banco de imagens – rostos, bocas, narizes, olhos etc.

Para saber +

CANTON, Katia.
Espelho de artista.
São Paulo: Cosac
Naify, 2004.

ROMANI, ANA
CHRISTINA. “Para
além do desenho li-
vre”. In: *Revista Avisa
Lá*, n. 8, Out./2001.

Objetivos do trabalho com desenho (professores):

- Saber planejar sequências de atividades de desenho.
- Conhecer diferentes tipos de autorretratos.
- Experimentar e observar os encaminhamentos de uma proposta de desenho.
- Aprimorar o desenho de observação – modelo vivo.
- Conhecer técnicas para trabalhar com detalhes nos desenhos.

Objetivos do trabalho com desenho (alunos):

- Saber desenhar a partir da observação e da imaginação.
- Saber utilizar diversas técnicas de desenho.



PRODUTOS FINAIS

Perguntei como as pessoas que não têm internet e nem moram em Itapeva saberiam do projeto dessa turma. Logo, um aluno disse: “Pela televisão!”. Expliquei que precisaríamos de uma forma mais barata, pois aparecer na TV pode ser caro e difícil. Disseram então: “Rádio”. Achei de uma sensibilidade incrível! Depois ainda ouvi a sugestão do DVD. Mas, de repente, um aluno fala: “A gente pode escrever uma carta”! Foi o momento que pude direcionar mais, até que um aluno falou: “Um livro”.

GISELLE - ITAPEVA, 2006.

Socializar história é tornar o acervo produzido disponível para o público, divulgar a iniciativa, difundir o conteúdo e, sobretudo, incorporar os processos de registro e preservação da memória nas práticas cotidianas da instituição e comunidade. Tornar as histórias narradas conhecidas e valorizadas pela sociedade é uma estratégia fundamental para contribuir com o desenvolvimento social baseado no respeito e na compreensão das múltiplas experiências e visões de mundo das pessoas e grupos que compõem nossa sociedade.

Os textos construídos a partir das entrevistas e das demais atividades do projeto, os desenhos e as fotos são as fontes a partir das quais serão organizados os produtos que visam a socialização das histórias. Esses materiais podem originar livros, cadernos, álbuns, exposições, folhetos e sites. Como produto cultural, o trabalho passa a ter uma existência social que transcende o grupo.

Sugestões

Para a organização do produto final, sugerimos a seguinte sequência de atividades:

- Definir com o grupo ou apresentar a proposta do produto a ser realizado.
- Apresentar ao grupo exemplos do produto e levantar suas características:
Exemplo: para elaborar um livro, apresentar alguns livros, chamando atenção para os seus componentes (capa, contracapa, autores, sumário, texto e ilustrações, formato, número de cores, etc.).
- Definir com o grupo as características do produto.
- Selecionar com o grupo, entre os textos e imagens produzidos, quais integrarão o produto.
- Produzir textos e imagens que faltam (por exemplo: texto de apresentação, sumário, lista de autores).
- Realizar o produto.
- Definir o evento de lançamento, elaborar convites, registrar o evento.

Perguntas norteadoras para definir os produtos:

- Público-alvo – Para quem queremos contar a história? Qual o perfil? Qual a linguagem mais adequada? Quais os meios para alcançá-lo? Qual a quantidade?
- Conteúdo – Qual tipo de conteúdo temos? Produzimos uma bela coleção de desenhos? Há material em áudio? Vídeo?
- Objetivos – O que queremos promover? Quais os meios mais apropriados?
- Recursos – Quais os recursos financeiros, técnicos ou materiais necessários? Quais deles estão presentes no grupo? Quais as alternativas de viabilização?
- Tempo – Que prazo temos para elaborar o produto?
- Processo – Qual o processo necessário para elaboração e lançamento do produto? Quais as ações? Qual a experiência necessária?

É importante que o grupo tenha acesso a diferentes modelos de produtos já desenvolvidos no âmbito do Projeto Memória Local, bem como a outros tipos de portfólios e, principalmente, a muitos livros que sirvam como referência para a elaboração de um livro da turma. É fundamental que o grupo participe das definições e da elaboração do produto e que os alunos, os entrevistados e a comunidade escolar tenham acesso ao produto final e participem do evento de lançamento.

O que pode ser colocado no livro:

- Texto de apresentação da turma (no começo ou no final: os autores).
- Anexos (fotos do processo, roteiro de entrevista).
- Índice.
- Dedicatória. Agradecimento.
- Texto de apresentação que explicará o projeto e um de seus produtos finais: o livro.
- Epígrafe.
- Letra de música.
- Poesia.
- Citação sobre memória.





AVALIAÇÃO

8

Como em todo projeto, é importante avaliar o trabalho no final do processo. Trata-se de um movimento para recuperar a trajetória vivida individual e coletivamente, apontando conquistas, desafios e possibilidades de aprimoramento do processo, compreendendo aprendizagens e contribuições. Para o desenvolvimento de instrumentos de avaliação que podem ser quantitativos e/ou qualitativos, é importante partir de indicadores de avaliação ligados aos conteúdos trabalhados no projeto.

INDICADORES DO *PROJETO MEMÓRIA LOCAL NA ESCOLA*

1. Valorização da cultura local

A metodologia permite que professores valorizem a cultura local como fonte de conhecimento e de identidade.

2. Autoria

A metodologia favorece a participação dos alunos no processo de captação, registro, organização e socialização das histórias dos moradores do local onde acontece o projeto.

3. Mudanças nos relacionamentos internos às escolas

A ação na escola favorece o envolvimento dos técnicos, coordenadores pedagógicos, professores e alunos em torno de um único projeto, possibilitando um novo olhar de um para o outro.

4. Mudanças nos relacionamentos entre escolas e comunidades

A intervenção possibilita uma aproximação da escola com os moradores da cidade, que passam a ser valorizados por suas histórias e reconhecidos como portadores de um conhecimento que a escola não tem.

5. Mudanças nas relações entre escolas e Secretarias de Educação

A participação dos técnicos das Secretarias de Educação nos encontros de capacitação favorece a construção do papel de formador desses profissionais e de um novo olhar sobre a dinâmica da escola.

6. Produção de conhecimento

A intervenção possibilita o contato e organização de informações, conhecimentos e práticas existentes na comunidade.

7. Adoção de práticas de registro do entorno

A intervenção incentiva a produção do registro oral das histórias dos moradores (textos, desenhos e fotografias) realizadas pelos alunos, sobre o entorno local.

8. Organização e socialização das histórias de vida da comunidade escolar

A metodologia favorece a experiência coletiva do processo de registro oral e escrito, de organização das fontes (depoimentos e imagens) e de disponibilização das histórias dos moradores do local para os produtos do projeto.

9. Mudanças de práticas pedagógicas

A intervenção possibilita que o professor reflita e reorganize sua prática pedagógica de forma que seus alunos participem da construção dos conhecimentos produzidos pelo projeto.



10. Reconstrução do conceito de história

A intervenção favorece que professores, alunos e comunidade reflitam sobre o conceito de história, protagonismo histórico e participação da comunidade na construção da história local.

11. Práticas de leitura

O trabalho favorece o incremento da prática de leitura de professores e alunos, tornando-a mais frequente, enriquecendo o repertório de histórias e ampliando os conhecimentos sobre os diferentes propósitos da leitura, bem como o uso de determinados comportamentos leitores.

12. Escrita

a) Desenvolvimento dos comportamentos escritores:

Ao escrever, considerar o gênero trabalhado, planejar e definir quais trechos querem comunicar aos diferentes destinatários, buscar referências em textos de outros autores, produzir e utilizar anotações e rascunhos e também utilizar alguns procedimentos de revisão.

b) Produção de texto coletivo:

Fazer uso de alguns comportamentos para ditar ao professor (dar sugestões, falar pausadamente, considerar as sugestões dadas pelos colegas, reler o que ditaram para aprimorar mais a escrita).

c) Diferenciar linguagem oral e linguagem escrita:

Recuperar as informações transmitidas pelo depoente (por meio da conversa sobre a entrevista, ouvir ou ver a fita da gravação da entrevista) e selecionar quais as informações querem compartilhar com os destinatários e, ao escrever, diferenciar a linguagem que se fala e a linguagem que se escreve.

13. Produção de desenhos

Desenhar para representar os relatos de vida, utilizando seu repertório gráfico, construído através da apreciação e das práticas do desenho de observação, de imaginação e de memória.

BIBLIOGRAFIA GERAL

CARVALHO, Silvia; KLISYS, Adriana; AUGUSTO, Silvana. *Bem-vindo, mundo!:* criança, cultura e formação de educadores. São Paulo: Peirópolis, 2006.

LONDON, Sonia; KESSEL, Zilda. *Guia histórias da nossa terra: um trabalho com memória oral na escola.* Uberlândia – MG: Instituto Algar de Responsabilidade Social; São Paulo: Instituto Avisa Lá: Museu da Pessoa, 2007.

KESSEL, Zilda - *A construção da memória na Escola: um estudo sobre as relações entre Memória, História e Informação na contemporaneidade,* Dissertação de Mestrado. ECA/USP, 2003.

LOPEZ, Immaculada. *Memória Social: uma metodologia que conta histórias de vida e o desenvolvimento local.* São Paulo: Museu da Pessoa: Senac São Paulo, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTO. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Fundamental, 1ª a 4ª séries (Língua Portuguesa; História),* 2007.

WORCMAN, Karen (coordenadora); PEREIRA, Jesus Vasquez. *História falada: Memória, rede e mudança social.* – São Paulo: Sesc SP: Museu da Pessoa: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Sugestões de leitura para os professores:

Memórias inventadas: a infância, de Manoel de Barros. Planeta.

“A importância da leitura”, de José Mindlin em *No mundo dos livros.* Agir.

“Memórias de livros”, de João Ubaldo Ribeiro em *Um brasileiro em Berlim.* Nova Fronteira.

“O prazer da leitura”, de Rubem Alves em *Por uma educação romântica.* Papyrus.

“Uma história para o pai”, de Ana Carolina Carvalho em *Revista Avisa Lá,* n.38.

“O jornal e suas metamorfoses”, de Júlio Cortázar em *Histórias de cronópios e de famas.* Civilização Brasileira.

“Ler”, de Jean Paul Sartre em *As palavras.* Nova Fronteira.

“Serpentes e letras”, de Elias Canetti em *A língua absolvida: história de uma juventude.* Companhia das Letras.

“Uma ilha chamada livro”, de Heloisa Seixas em *Uma ilha chamada livro: contos mínimos sobre ler, escrever e contar.* Galera Record.

Conto de escola, de Machado de Assis. Cosac Naify.

“Uma lembrança para guardar com carinho”, de Sempé e Goscinny em *O pequeno Nicolau.* Martins Fontes.

Invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles. Companhia das Letras.

A menina sem estrela, de Nelson Rodrigues. Agir.

De onde nascem os livros, de Angelina Bulcão Nascimento. Edições Antares/Casa da Palavra.

O africano, de Jean-Marie Gustave Le Clezio. Cosac Naify.

Minha vida de menina, de Helena Morley. Companhia das Letras.

Quase memória, de Carlos Heitor Cony. Suma de Letras Brasi.

De carta em carta, de Ana Maria Machado. Salamandra.

Velhos amigos, de Ecléa Bosi. Companhia das Letras.

A moça tecelã, de Marina Colasanti. Global.

Duas dúzias de coisinhas à toa que deixam a gente feliz, de Otávio Roth. Ática.

Confesso que vivi, Pablo Neruda. Bertrand Brasil.

Por Parte de Pai, de Bartolomeu Campos Queirós. RHJ.

De amor e trevas, de Amós Oz. Companhia das Letras.

Sugestões de leitura para os alunos:

Álbum de Família, de Lino de Albergaria. Edições SM.

A menina que fez a América, de Ilka Brunhilde Laurito. FTD.

A menina que descobriu o Brasil, de Ilka Brunhilde Laurito. FTD.

Crianças - Olhar a África e ver o Brasil, de Raul Lody/ Pierre Verger. Companhia Editora Nacional.

Guilherme Augusto Araújo Fernandes, de Mem Fox. Brinque-Book Editora.

Histórias de Avó e Avó, de Arthur Nestrovski. Companhia das Letrinhas.

Nas ruas do Brás, de Dráuzio Varella. Companhia das Letrinhas.

O Livro da Dança, de Inês Bogéa. Companhia das Letrinhas.

O Livro do Guitarrista, de Tony Beloto. Companhia das Letrinhas.

17 é tov!, de Tatiana Belinky. Companhia das Letrinhas.

A floresta e o estrangeiro, de Alberto Martins. Companhia das Letrinhas.

Reinações de José Mindlin, de José Mindlin. Ática.

Memórias de Menina, de Raquel de Queiroz. José Olympio.

O Jarro da Memória, de Claudio Galperin. Cosac Naify.

Memórias de um Elefante, de Corine Jamar. FTD.

Memórias Inventadas para crianças, de Manoel de Barros. Planeta Jovem.

Infância de Ruth Rocha, de Audálio Dantas. Callis.

Transplante de menina, de Tatiana Belinky. Moderna.

Frida Kahlo, de Carmen Lenero. Callis.

Bisa Bia Bisa Bel, de Ana Maria Machado. Salamandra.

FICHA TÉCNICA

INSTITUTO MUSEU DA PESSOA. NET

Direção

Karen Worcman

Ely Harasawa

Acervo

Rosali Henriques

Formação

Sônia London

Memória Institucional

Márcia Ruiz

Mídias Digitais

Eduardo Barros

Mobilização e Redes

Sarah Faleiros

Projetos Especiais

José Santos Matos

Administrativo

Paulo Zanella

Produção

Isaac Patreze

Contato

Instituto Museu da Pessoa

Rua Natingui, 1100

Vila Madalena, São Paulo SP

Tel: (11) 2144 7150

E-mail: museu@museudapessoa.net

Site: www.museudapessoa.net

INSTITUTO AVISA LÁ

Presidente

Lino de Macedo

Coordenação Executiva

Silvia Pereira de Carvalho

Coordenadora Adjunta

Cisele Ortiz

Contato

Instituto Avisa Lá

Rua Harmonia, 1040

Vila Madalena, São Paulo SP

Tel: (11) 3032 5411

E-mail: instituto@avisala.org.br

Site: www.avisala.org.br

Coordenação Projeto

Memória Local na Escola

Márcia Cristina da Silva (Avisa Lá)

Sonia London (Museu da Pessoa)

Equipe de formadores do

Memória Local na Escola (2008-2009)

Cinthia Manzano

Danilo Eiji

Edi Fonseca

Fernanda Peregrina

Giselle Vitor da Rocha

Heloisa Pacheco

Márcia Trezza

Maria Paula Gennari Twiaschor

Simone Alcântara

PRODUÇÃO DE CONTEÚDO
DA PUBLICAÇÃO

Coordenação

Sônia London

Apoio

Silvia Pereira de Carvalho

**Sistematização do material e
organização dos textos**

Cinthia Manzano

Revisão de Texto

Heci Regina Candiani

Projeto gráfico

Fonte Design

**Ilustrações páginas 10, 16, 22, 32, 36, 42,
46 e 50**

Gilberto Tomé

Fotos da capa

Acervo Projeto Memória

Local na Escola (aluno desenhando)

Gilberto Tomé (Av. Sapopemba, São

Paulo, SP)

**Ilustrações páginas 6, 12, 13, 14, 15, 18,
24, 26, 39 e 49**

Desenhos produzidos pelos alunos partici-
pantes do Projeto Memória Local na Escola

Impressão

NeoBand

PARCEIROS DO PROJETO – 2008/2009

BELMIRO BRAGA (MG) - 2008
EM Boa Sorte
EM Dom Justino José de Sant'ana
EM Erotildes Leal Teixeira
EM Hilda Villela de Andrade
EM Padre Caetano Monte Verde
EM Prof. Antonio Magalhães Alves
EM Vicente Adão Botti
EM Wolf Klabin
Pré-Escolar Municipal Chapeuzinho Vermelho
Pré-Escolar Municipal Monteiro Lobato
Secretaria Municipal de Educação

INDAIATUBA (SP) – 2008
E.M.E.B. do Aldrovandi Profª Maria Albertina Bannwart Berdu
E.M.E.B. do Complexo Educacional Nízio Vieira
E.M.E.B. Dom Ildefonso Stehle
E.M.E.B. Padre Joaquim Aparecido Rocha
E.M.E.B. Profª Elizabeth de Lourdes Cardeal Sigrist
E.M.E.B. Profª Maria Benedita Guimarães
E.M.E.B. Profª Maria Ignêz Pinezzi
E.M.E.B. Profª Maria José de Campos
E.M.E.B. Profª Maria Nazareth Pimentel
E.M.E.B. Profª Patrocínia Robles Provenza
E.M.E.B. Profª Renata Guimarães Brandão
E.M.E.B. Profª Yolanda Steffen
E.M.E.B. Profº Antônio Luiz Balaminuti
E.M.E.B. Profº Aparecido Batista dos Santos
E.M.E.B. Profº Leonel José Vitorino Ribeiro
E.M.E.B. Profº Osório Germano e Silva Filho
E.M.E.B. Profº Sergio Mário de Almeida
E.M.E.B. Profº Wellington Lombardi Soares
E.M.E.B. Profº Wladimir Olivier
E.M.E.B. Vicente Bernardinetti
Secretaria Municipal de Educação e Cultura

JUIZ DE FORA (MG) - 2008
E.M. Professor Oscar Schmid
E.M. Prefeito Dilermando Cruz Filho
E.M. Alvaro Lins
E. M. Aurea Nardelli
E.M. Vereador Raymundo Hadgreaves
E.M. Amélia Mascarenhas
E.M. Carlos Drummond de Andrade
E.M. Professor João Panisset
E.M. Professor João Panisset
E.M. Cosette Alencar
E. M. Cecilia Meireles
E.M. Áurea Bicalho
E.M. Caic Prof. Núbia Pereira M. Gomes
E.M. Oswaldo Velloso
Secretaria Municipal de Educação

PARATI (RJ) - 2008
Casa Escola
CIEP 999 Dom Pedro I
Educandário Torres Pádua
EM Barra Grande
EM José Carlos Porto
EM José Melo
EM Parque da Mangueira
EM Prof. Pequenininha Calixto
EMEF Saulo Alves da Silva
EM Theóphilo Rameck - Patrimônio Espaço Educativo Tomé e Hagel – Ethos
Secretaria Municipal de Educação

PAULÍNIA (SP) – 2009
Núcleo João Aranha
Centro Comunitário Jequitibá
Centro Comunitário Santa Terezinha
Centro Comunitário
EMEF Maria Aparecida Caputti Beraldo
EMEF Profa. Flora Aparecida Toledo Lima
Escola Estadual Francisco Alves
Secretaria Municipal de Educação

SANTO ANDRÉ (SP) - 2008
EMEF Cora Coralina
EMEIE Professor Paulo Freire
EMEIEF Darcy Ribeiro
EMEIEF Professora Sonia Aparecida Marques
EMEIEF Professora Mariangela Ferreira Aronda Frizetto
EMEIEF Professora Maria Cecília Dezan Rocha
EMEIEF Vereador Manoel De Oliveira
EMEIEF Tarsila Do Amaral
EMEIEF Professora Elaine Cena Chaves Maia
EMEIEF José Maria Sistilo Mattei
EMEIEF Com. Piero Pollone
EMEIEF Professora Yvonne Zahir
EMEIEF Vinícius De Moraes
EMEIEF Professor Antonio Virgilio Zaniboni
EMEIEF Ayrton Senna Da Silva
EMEIEF Professor José Lazzarini Junior
Núcleo Parque Andreense
EMEIEF Madre Tereza De Calcutá
EMEIEF Professora Maria Da Graça De Souza
EMEIEF Monsenhor João Rego Cavalcanti
EMEF Janusz Korczak
Secretaria de Educação e Formação Profissional

PATROCINADORES

INSTITUTO VOTORANTIM
Contato
www.institutovotorantim.org.br

RHODIA
contato
www.rhodia.com.br
55 11 3741-7505
Luciane Nogueira

TOYOTA DO BRASIL
Contato
www.toyota.com.br
www.fundacaotoyotadobrasil.org.br

VOTORANTIM ENERGIA
Contato
www.venergia.com.br

